

Vinícius Ferreira

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

E-mail:

viniciusf.c@hotmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Zazá:
rastros de uma vida queer nos
arquivos de repressão

Zazá:
traces of a queer life in the archives of
repression

Zazá:
rastros de una vida queer en los archivos
de la represión

Ferreira, V. Zazá: rastros de uma vida queer nos arquivos de repressão.
Revista Eco-Pós, 28(2), 392–416. [https://doi.org/10.29146/eco-
ps.v28i2.28504](https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i2.28504)

RESUMO

O artigo propõe uma escrita histórica da homossexualidade a partir da análise do testemunho de Zazá, personagem documentado em pesquisa criminológica publicada em 1939. Utilizando uma perspectiva teórico-metodológica queer, o trabalho valoriza os rastros, fragmentos e silêncios como formas legítimas de narrar experiências dissidentes apagadas pela historiografia tradicional. Ao subverter o uso repressivo dos arquivos médicos e policiais, o estudo revela estratégias de resistência, redes de sociabilidade e formas de prazer cultivadas por sujeitos homossexuais nas primeiras décadas do século XX. A partir do relato de Zazá, o texto evidencia como subjetividades foram produzidas no entrecruzamento entre dominação e resistência, constituindo uma memória queer que persiste nas margens da história.

PALAVRAS-CHAVE: *Rastros queer; Homossexualidade; Sujeição; Resistência.*

ABSTRACT

This article proposes a historical writing of homosexuality based on the analysis of the testimony of Zazá, a figure documented in a criminological study published in 1939. Drawing on a queer theoretical and methodological perspective, the work values traces, fragments, and silences as legitimate means of narrating dissident experiences erased by traditional historiography. By subverting the repressive use of medical and police archives, the study uncovers strategies of resistance, networks of sociability, and forms of pleasure cultivated by homosexual subjects in the early decades of the twentieth century. Through Zazá's narrative, the text highlights how subjectivities were produced at the intersection of domination and resistance, constituting a queer memory that persists on the margins of history.

KEYWORDS: *Queer traces; Homosexuality; Subjection; Resistance.*

RESUMEN

El artículo propone una escritura histórica de la homosexualidad a partir del análisis del testimonio de Zazá, personaje documentado en un estudio criminológico publicado en 1939. Desde una perspectiva teórico-metodológica queer, el trabajo valora los rastros, fragmentos y silencios como formas legítimas de narrar experiencias disidentes borradas por la historiografía tradicional. Al subvertir el uso represivo de los archivos médicos y policiales, el estudio revela estrategias de resistencia, redes de sociabilidad y formas de placer cultivadas por sujetos homosexuales en las primeras décadas del siglo XX. A partir del relato de Zazá, el texto evidencia cómo las subjetividades fueron producidas en la intersección entre dominación y resistencia, constituyendo una memoria queer que persiste en los márgenes de la historia.

PALABRAS CLAVE: *Rastros queer; Homosexualidad; Sujeción; Resistencia.*

Submetido em 16 de maio de 2025.

Aceito em 10 de setembro de 2025.

Introdução

Rastros queer e a subversão dos arquivos - *A força que declara a dor é a mesma que reclama o futuro* (Raimundo Neto). Escrever uma história comunicacional da homossexualidade, com foco nas experiências dos sujeitos, impõe desafios metodológicos e epistemológicos significativos. Como narrar a vida de sujeitos e coletivos cujos corpos e subjetividades foram excluídos da história? Perrot (2017a, 2017b), ao se fazer essa pergunta destaca que existe um silêncio profundo sobre certas existências, como se suas vidas estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Mas por que os homossexuais não pertenceriam a história?

As reflexões da historiadora francesa Michelle Perrot sobre o silenciamento imposto a mulheres, operários e prisioneiros também oferecem importantes contribuições para a compreensão do apagamento dos homossexuais na narrativa histórica. Em diálogo com Perrot (2017a; 2017b), é possível identificar algumas razões que ajudam a explicar a exclusão dos sujeitos de sexualidade dissidente dos relatos historiográficos.

Um primeiro aspecto refere-se aos espaços sociais ocupados e às dinâmicas de vida desses indivíduos. Embora se trate de uma comunidade marcada por ampla diversidade de experiências e singularidades, os homossexuais, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, vivenciavam práticas majoritariamente restritas à esfera privada ou a zonas consideradas de moralidade frouxa — como parques, praças, bordéis e determinados banheiros públicos (Green, 2000; Figari, 2007; Trevisan, 2018). Por isso, suas rotinas, formas de socialização e práticas afetivo-sexuais permaneceram invisíveis para uma escrita da história que, tradicionalmente, privilegia o espaço público, seus acontecimentos e personagens hegemônicos.

Na perspectiva da historiografia tradicional, centrada em grandes acontecimentos e personagens ilustres, os sujeitos homossexuais pareciam relegados à obscuridade de uma existência inenarrável. Suas rotinas, práticas de socialização e relações afetivo-sexuais tornavam-se invisíveis, pois, ao serem pouco vistos, também eram pouco narrados. No entanto, essa linha de raciocínio exige maior complexificação. Mesmo após a chamada revolução historiográfica — marcada pela emergência da Nova História e pela incorporação de novos

problemas e objetos de estudo (Le Goff, 1988; Le Goff; Nora, 1995a; 1995b) —, em que sujeitos marginalizados passaram a figurar como protagonistas históricos (Schmitt, 1988), as experiências homossexuais continuaram a ser negligenciadas.

Essa invisibilidade pode ser constatada, por exemplo, no reduzido número de teses e dissertações dedicadas à temática no Brasil (Ribeiro Júnior, 2018; Soliva *et al.*, 2014; Green, 2012; Ferreira, 2019), revelando que, mesmo diante da ampliação dos horizontes historiográficos, certas vivências seguem à margem da produção acadêmica e da memória institucionalizada.

Outro fator que aprofunda esse apagamento diz respeito à precariedade — ou mesmo à inexistência — de fontes que documentem as experiências homossexuais. As práticas arquivísticas tradicionais não apenas negligenciaram esses rastros, como também os desqualificaram, considerando-os indignos de preservação. Registros como cartas, fotografias, publicações alternativas ou objetos pessoais foram, em grande parte, descartados ou mantidos na esfera privada, sujeitos à dispersão e ao esquecimento.

Essa ausência de documentação sistematizada compromete a possibilidade de construção de narrativas históricas que deem conta da diversidade e da complexidade das vidas homossexuais. Sem esses vestígios, a memória coletiva permanece incompleta, e os sujeitos dissidentes seguem à margem da história oficial, privados do direito à inscrição no tempo.

A ausência de arquivos sistematizados e a precariedade na preservação de documentos relacionados às experiências homossexuais não podem ser compreendidas apenas como questões técnicas ou administrativas, mas como expressão direta de uma lógica de saber que marginaliza determinados objetos de conhecimento. Heller (1993), ao refletir sobre a produção histórica, observa que certos saberes são considerados malditos — saberes sobre os quais não se deve, ou sequer se imagina, produzir conhecimento.

Essa interdição simbólica contribuiu para que os registros da homossexualidade fossem historicamente descartados, negligenciados ou silenciados, dificultando a constituição de um corpo documental que permitisse sua inscrição plena no campo da história. Trata-se,

portanto, de um apagamento epistemológico que não apenas exclui sujeitos e experiências, mas também delimita os contornos do que é reconhecido como legítimo saber histórico.

A relação entre passado e presente, mediada pela consciência histórica de cada época, condiciona a forma como os indícios são percebidos como vestígios significativos. O passado só se torna narrável na medida em que os sinais de seu tempo são interpretados como portadores de uma história a ser contada — e isso depende dos valores epistêmicos e interpretativos do presente. Como afirma Heller (1993), “a abertura e disponibilidade para a mensagem antecede ao próprio vestígio” (Heller, 1993, p. 104), o que indica que é a sensibilidade de cada tempo que define o que será reconhecido como documento legítimo.

Nesse sentido, os rastros das vivências homossexuais, frequentemente localizados nas margens dos discursos hegemônicos e nas brechas abertas pelos saberes subalternos, permaneceram por séculos fora do horizonte da memória histórica. Não por inexistirem, mas por não terem sido reconhecidos como passíveis de conversão em narrativa — excluídos, portanto, do campo do que se convencionou chamar de história.

Escrever essa história exige, portanto, um deslocamento de perspectiva: é preciso reconhecer a legitimidade dos fragmentos, dos silêncios e dos vestígios como formas possíveis de narrar aquilo que a história oficial tentou silenciar. Em vez de buscar completude ou coerência nos registros, essa escrita se orienta pela potência dos fragmentos e pela força dos silêncios — compreendidos não como ausência, mas como marcas de uma violência histórica que ainda reverbera.

Trata-se de construir uma história nos termos sugeridos por Benjamin (2012), capaz de despertar no passado as centelhas da esperança. Para isso, é necessário apropriar-se dos relampejos das memórias homossexuais, permitindo que as vozes do passado, antes emudecidas, possam enfim ser escutadas. Rememorar suas vivências e acolher seus apelos configura-se como um gesto de reparação histórica, indispensável a um presente que se pretenda comprometido com a construção de valores mais justos e igualitários.

Dessa forma, o conceito de rastro se configura como uma ferramenta epistemológica fundamental para a escrita histórica voltada às experiências dissidentes. Diferente da busca por uma verdade plena ou por evidências diretas, o rastro remete a marcas deixadas por

presenças que já não estão, mas que insistem em permanecer por meio de fragmentos, sinais e inscrições dispersas no tecido social e cultural. Como observa Barbosa (2007), seguir esses rastros é percorrer um caminho já trilhado por homens do passado, mas iluminado pelas perguntas e inquietações do presente.

O rastro, portanto, não é apenas uma marca de passagem: é uma abertura interpretativa que permite reconstruir modos de vida silenciados e reinscrevê-los na narrativa histórica. Trata-se de uma abordagem que desloca o foco da evidência para a sugestão, da completude para a evocação, reconhecendo que a memória dos sujeitos dissidentes sobrevive, muitas vezes, nas frestas do arquivo e nas margens da história oficial.

Gagnebin (2009, p. 112–113), ao refletir sobre o conceito de rastro, observa que, diferentemente dos documentos clássicos da historiografia, os rastros não são produzidos com a intenção de preservar as experiências que carregam, tampouco visam resistir ao tempo como testemunhos conscientes de uma existência. Ao contrário, emergem como marcas residuais de uma presença ausente — inscrições não planejadas que escaparam ao esquecimento, muitas vezes geradas em contextos de negligência ou violência.

Nesse horizonte, narrar a história a partir dos rastros queer do passado implica ultrapassar a concretude singular dos vestígios para compreender também os processos de violência que possibilitaram sua inscrição involuntária. Trata-se de reconhecer que esses rastros não apenas indicam o que sobreviveu, mas também revelam as condições históricas que determinaram o que pôde — ou não — ser lembrado.

Neste artigo, propomos a análise de documentos oriundos dos estudos criminalísticos sobre a homossexualidade como estratégia para acessar figuras homossexuais do passado, bem como suas formas de sociabilidade, resistência e prazer. Ao mobilizar esse tipo de fonte — originalmente produzida no interior de um aparato regulador e repressivo da sexualidade — buscamos subverter seu uso e reinterpretá-la a partir de uma perspectiva crítica.

Essa operação inscreve nossa proposta no campo de uma escrita queer da história, nos termos formulados por Evans (2016), não apenas por abordar sujeitos homossexuais, mas sobretudo pela forma como deslocamos os arquivos de sua função disciplinar, produzindo uma narrativa voltada à identificação de subjetividades eróticas historicamente marginalizadas,

muitas vezes pouco visíveis nos registros tradicionais. Trata-se de uma abordagem que recusa a linearidade e a coerência identitária que sustentam as narrativas de progresso, abrindo espaço para formas plurais de habitar o tempo.

A virada proposta pela teoria queer, nesse sentido, não se limita a uma crítica ao historicismo convencional, mas reivindica modos alternativos de estar no tempo — capazes de contemplar não apenas os traumas e dores do passado, mas também as experiências de prazer e desejo que escapam às categorias normativas da história.

1 Nas brechas da violência

Entre os inúmeros textos de escrita violenta sobre a homossexualidade no Brasil, o *Estudo Biográfico dos Homossexuais (Pederastas Passivos) da Capital de São Paulo. Aspectos de sua Atividade Social (Costumes, Hábitos, Apelidos, Gíria)*, publicado na década de 1930, destaca-se como uma das raras publicações que permitem acessar a voz direta do homossexual do passado. Isso se deve ao fato de o estudo transcrever textos autobiográficos escritos por dois dos nove sujeitos analisados.

O trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida na Cadeira de Psicologia e Psiquiatria Jurídicas do Instituto de Criminologia de São Paulo, sob a coordenação do professor Edmur de Aguiar Whitaker. Realizado em parceria com seus alunos — Eddi Krauss, Magino Roberto de Oliveira, Joel Botto Nogueira e Aldo Sinisgalli —, o estudo tinha como objetivo *conhecer a vida dos homossexuais (pederastas passivos) residentes na Capital de São Paulo*. Para isso, foram aplicados formulários “nos locais onde se encontram habitualmente e nas próprias residências”, (Whitaker *et al.*, 1939, p. 244), com o intuito de *captar-lhes a confiança* necessária para obter respostas consideradas mais fidedignas.

Edmur de Aguiar Whitaker, responsável pela pesquisa, era um médico psiquiatra recém-formado que rapidamente conquistou uma presença ativa na cena médica paulista. Foi um dos responsáveis pela *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, onde publicou diversos textos, além de ocupar cargos relevantes na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, na Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo e na Secção de Neuropsiquiatria da Associação Paulista de Medicina.

Sua rápida projeção no campo da saúde pode ser atribuída, entre outros fatores, à sua notável produtividade acadêmica. Nos três primeiros anos após sua formatura, Whitaker publicou mais de vinte trabalhos científicos, a maioria voltada à área da psiquiatria (*Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, v. 2, n. 4, out.-dez. de 1936, s/p). Entre sua vasta produção, os homossexuais, especialmente os pederastas passivos, eram um assunto recorrente¹.

A pesquisa que constitui o objeto de nossa análise foi publicada nos *Arquivos de Polícia Civil e de Identificação de São Paulo*, em seu segundo volume, referente aos anos de 1938–1939. Trata-se de um estudo de valor histórico significativo, não apenas por evidenciar a atuação do saber médico na tentativa de esquadrihar e delimitar a homossexualidade, mas também por oferecer pistas sobre a vida e a autoimagem desses indivíduos.

Os nove casos analisados fornecem fragmentos das experiências de homossexuais brasileiros que habitavam os grandes centros urbanos nas primeiras décadas do século XX. Nas fichas, além dos relatos de violência, encontram-se narrativas de prazer e realização pessoal na vivência desse *amor maldito*. As observações sobre a vida de A. S., apelidado de Gilda Abreu, revelam um contexto de precariedade, indicando que ele enfrentava *momentos difíceis, sem dinheiro*, em razão de problemas sociais associados à sua sexualidade. No entanto, os pesquisadores registram que Abreu não manifesta desejo de mudança, pois, em suas próprias palavras, “adora a pederastia” (Whitaker *et al.*, 1939, p. 245).

O personagem mais emblemático entre os apresentados no estudo é o de número 6, Z.B.G., conhecido como Zazá. O que torna seu perfil particularmente marcante é a descrição de sua vida, redigida por ele próprio e anexada ao relatório pelos pesquisadores. Zazá era um homem branco, solteiro, com 24 anos de idade. Assim como a maioria dos entrevistados,

¹ Localizamos, somente entre os anos de 1937 e 1938, quatro pesquisas sobre a homossexualidade que contam com a participação de Whitaker. Na *1ª Semana Paulista de Medicina Legal*, realizada entre os dias 12 e 17 de julho de 1937, proferiu duas palestras. Uma delas intitulada *Estudo dos homo-sexuais* apresentado em parceria com Oscar Ribeiro de Godoy no Gabinete de Identificação, em dia 14 de julho (*Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, v. 3, n.4, out.-dez. de 1937, 197). No ano seguinte, mais três trabalhos foram apresentados durante o *1º Congresso Paulista de Psychologia, Neurologia, Psychiatria, Endocrinologia, Identificação, Medicina Legal e Criminologia*, realizado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Na sessão de Criminologia do congresso foram apresentados três trabalhos sobre a homossexualidade, a saber: o *Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da Capital de S. Paulo. Aspectos de sua atividade social (costumes, hábitos, apelidos, gíria)*, *Considerações gerais sobre o homossexualismo* e *Observações sobre os hábitos, costumes, condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) em S. Paulo*. O primeiro texto foi escrito juntamente com Eddi Krauss, Magino Roberto de Oliveira, Joel Botto Nogueira e Aldo Sinisgalli e os dois últimos somente com Aldo Sinisgalli.

deixou sua cidade natal ainda na adolescência, atraído pelos encantos dos grandes centros urbanos — especialmente pela promessa de liberdade.

Na época da pesquisa, residia em São Paulo, no nº 332 da Rua Vitória, *prédio esse em que moram outros pederastas*. Seu quarto é descrito como “o que se pode chamar, sem receio de cometer erro, de anti-higiênico . De mais ou menos 6 ms², não possui janelas para ventilação, é cimentado e muito baixo” (Whitaker *et al.*, 1939, p. 248). Apesar das condições precárias de moradia, Zazá se destacava entre os demais entrevistados por sua formação educacional, possuindo “diploma de grupo escolar e conhecendo princípios de protética”. Era caracterizado pelos pesquisadores como “inteligente, vivo e muito bem-humorado” (Whitaker *et al.*, 1939, p. 248). A Figura 1 apresenta a fotografia de Zazá e seu amigo Tabú, reproduzida na obra de Edmur de Aguiar Whitaker, em São Paulo da década de 1930.

Figura 1 – Foto de Zazá e seu amigo Tabú reproduzidas na obra de Edmur de Aguiar



Fonte: Whitaker *et al.* (1939, p. 256)².

O texto autobiográfico de Zazá ocupa quatro páginas, nas quais narra aspectos marcantes de sua trajetória: a mudança para São Paulo, a primeira experiência sexual, uma

² Acervo da Biblioteca Nacional.

temporada de *farra* no Rio de Janeiro e os relacionamentos amorosos que vivenciou. No entanto, a edição consultada — pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional — apresenta uma folha arrancada, justamente aquela que continha as duas páginas iniciais do testemunho. Felizmente, foi possível recuperar esse trecho por meio da transcrição publicada no livro *Frescos Trópicos*, de James Green e Ronald Polito (2006, p. 132–135), o que permitiu o acesso integral ao relato de Zazá.

A relação dialógica do discurso permite que, mesmo nos chamados *arquivos de repressão*, consigamos acessar — ainda que de forma fragmentada — a mentalidade coletiva de uma época, incluindo suas estratégias de resistência. Os textos de interdição são atravessados por uma circularidade discursiva que nos possibilita vislumbrar o horizonte de possibilidades latentes para a cultura de determinado período histórico (Bakhtin, 2013).

Documentos que expressam a norma heterossexual são relevantes não apenas por revelarem os modos de atuação do poder, mas também por permitirem entrever suas reapropriações. Em muitos casos, constituem as únicas fontes históricas disponíveis sobre as experiências homossexuais do passado, funcionando como registros involuntários de subjetividades dissidentes que, apesar da violência simbólica que os atravessa, resistem ao apagamento.

A interdição que pairava sobre a homossexualidade dizia menos respeito à impossibilidade de falar sobre o tema e mais à forma como se podia falar. Implicava, sobretudo, em quem detinha a *autorização* para se expressar publicamente sobre tais práticas e identidades. Ao longo de séculos, pessoas que se identificavam como gays, lésbicas, travestis e transexuais foram sistematicamente impedidas de produzir e registrar suas próprias narrativas.

A criação de textos, imagens e gravações audiovisuais sobre suas vidas podia servir como evidência para sua estigmatização e perseguição social e legal. Os registros que eventualmente eram produzidos, muitas vezes confinados à esfera doméstica, não foram reconhecidos — até muito recentemente — como documentos históricos dignos de preservação, o que resultou em sua perda gradual ao longo do tempo.

2 Estratégias de resistência e prazer

O relato de Zazá, intitulado *Resumo rápido de meu passado*, inicia-se com a mudança para São Paulo, em 1927, ano em que o narrador declara:

fugi de uma cidade linda do interior deste estado, cidade onde eu garoto ainda, cheio de ideias tolas, pensando em um mundo de belezas e de gozos, já via que era impossível satisfazer os meus desejos. Fugi, então para a Capital (Zazá *apud* Green; Polito, 2006, p. 132).

É significativo que o texto memorialístico se inicie com a mudança de cidade. Esse deslocamento reforça não apenas a inviabilidade de uma vivência homossexual em centros urbanos menores e médios, mas também evidencia que a narrativa da vida do autor começa a se estruturar a partir do momento em que ele encontra, na capital, a liberdade necessária para expressar seus desejos e construir sua subjetividade. A fuga para São Paulo, nesse sentido, não é apenas geográfica, mas simbólica: marca o início de uma trajetória em que o desejo deixa de ser reprimido e passa a ocupar lugar central na constituição da memória e da identidade.

Nas recordações de Zazá sobre o período vivido no Rio de Janeiro, entre 1931 e 1933, emergem indícios de uma rede de sociabilidade homossexual que, embora incipiente, oferecia formas de apoio e pertencimento. Aos 17 anos, Zazá partiu para a então capital federal e, em suas próprias palavras, “[...] lá chegando, todos admiravam a minha juventude e todos queriam gozar dela. Sustentava-se por meio da prostituição, afirmando que “ganhava quanto queria; primeiro, por ser novo no lugar e segundo, por ser ainda jovem” (Zazá *apud* Green; Polito, 2006, p. 132).

Seu testemunho revela lampejos de um Rio de Janeiro vibrante, onde a vida homossexual se desenrolava entre cabarés, hotéis e casas particulares — espaços que, apesar da repressão vigente, permitiam a articulação de experiências dissidentes. A narrativa de Zazá não apenas documenta práticas de sobrevivência, mas também inscreve o desejo como força constitutiva de uma subjetividade que resiste ao apagamento histórico.

1931 [...] Embarquei para o Rio de Janeiro.

Fui morar numa hospedaria, onde em quartos especiais, que o dono alugava pela quantia de 5\$000, eu recebia os pederastas ativos. Nessa mesma hospedaria moravam dezenas de passivos. Alguns já velhos; outros doentes, quase todos pobres em vida; outros

gozando do bom e do melhor, enquanto alguns, sem mesmo roupa para vestir, eram obrigados a pedi-las emprestadas àqueles que deles se compadeciam.

Havia dias que eu recebia tantos membros, que o meu ânus ficava tão dolorido, a ponto de precisar banhar-me em água quente e sal grosso, a fim de poder estar bom à noite para recomeçar a vida que eu gostava tanto [...] E a minha cabecinha oca achava que aquilo era uma coisa do outro mundo!

E tinha sempre homens moços que gostavam de mim, alguns dos quais propunham-me “amigações”, por vezes vantajosas. Mas eu queria ser livre e por isso lhes dava sempre o “não”. Explicava-lhes que eu gostava daquela vida dos meus colegas, das 36 farras que faziam em casa, nos “cabarets”, nos lugares retirados e que, amigando-me, ficaria privado de tudo isso. E eles, então, desapareciam e não mais me procuravam. Chegou 1932. Fiquei doente, mal de vida, tendo, porém, a sorte de restabelecer-me logo.

E caí, de novo, na farra, com mais sede ainda, porque tinha ficado dois meses longe do mundo, longe dos membros que me davam tanto prazer, tanto gozo [...] Passava o tempo [...] Passava, também, a minha juventude.

Uma ou duas vezes por mês eu tomava de dois a três dias de prisão. Nesta eu ficava quase que sem comer, só me alimentando de água e pão, por não querer me alimentar com comida de preso.

As tristezas e desilusões já estavam aparecendo em minha vida. Porém, eu sempre firme, resistia a tudo. Nada me desacoroçoava e nada fazia com que eu abandonasse esta vida.

Volto a São Paulo em 1933. De novo a mesma vida, porém agora mais sossegada, por não ter aqui tantos pederastas ativos como no Rio (Zazá *apud* Green; Polito, 2006, p. 134-135).

As prisões, tristezas e desilusões não foram suficientes para fazer Zazá abandonar os circuitos e o estilo de vida que possibilitavam a expressão de sua homossexualidade. Pelo contrário, mesmo enfrentando o sentimento de estar “envelhecendo antes do tempo, devido às muitas prisões injustas, amores loucos e desenfreados” (Zazá, 1939, p.252), considerava que todos esses elementos integravam o caminho “da pederastia, da desgraça e da desonra” (Zazá *apud* Green; Polito, 2006, p. 135), que havia escolhido trilhar. Para Zazá, essas experiências faziam parte, de alguma forma, de sua liberdade e prazer, os quais *adorava* poder vivenciar.

O testemunho de Zazá como um todo ilustra o processo de sujeição nos termos propostos por Foucault (2010; 2014), segundo o qual o poder produz o sujeito, moldando não apenas sua condição de existência, mas também a direção de seus desejos. Esse processo é marcado por uma ambiguidade intrínseca, em que a noção de *assujeitamento* implica tanto a emergência do sujeito quanto seu enquadramento em relações de submissão.

A palavra sujeito, nesse contexto, significa tanto a sujeição a um controle e a dependência de uma força, como também se refere ao indivíduo que dinamiza a própria identidade por uma consciência (Foucault, 1995). Ambas as dimensões sugerem uma forma de

poder que subjuga e que confere a autonomia do sujeito mediante sua submissão a uma forma de poder, uma dinâmica que implica em uma dependência radical. Dessa forma, o poder não se restringe meramente a *dominação*, mas também diz respeito, de maneira significativa, às estruturas nas quais apoiamo-nos para existir, e que nutrimos e perpetuamos em nossa própria identificação social.

As interpelações dos discursos injuriosos impactavam os homossexuais, fazendo com que eles se percebessem como "defeituosos física e moralmente" (Zazá *apud* Green; Polito, 2006, p. 132). No entanto, à medida que essa identidade passava a ser performada, ocorriam reformulações e ressignificações dos valores negativos. Quase chegando às conclusões de seu testemunho, Zazá produz o que consideramos uma frase síntese das nuances de sua subjetividade: "Eu sou simplesmente um passivo sem remédio e sem esperanças de deixar de ser repudiado; eu sou o Zazá das noites quentes ou frias desta Pauliceia querida" (Zazá, 1939, p. 252).

A dinâmica temporal do poder no processo de sujeição revela-se como uma relação complexa entre duas modalidades temporais distintas e, frequentemente, conflitantes. Por um lado, o poder é concebido como uma entidade pré-existente ao sujeito — uma força que antecede sua formação e influencia sua constituição desde o início. Por outro, o poder pode ser entendido como um efeito desejado pelo próprio sujeito. Nesse contexto, a sujeição não se configura apenas como uma imposição externa, mas como uma subordinação que o sujeito voluntariamente assume como meio de alcançar determinados fins.

Essa concepção, no entanto, ultrapassa a ideia de autossujeição voluntária, ao reconhecer que a própria submissão participa da produção e constituição do sujeito. A sujeição, portanto, não apenas o subordina, mas também o habilita a se posicionar como agente de resistência e oposição, tornando-se, paradoxalmente, o garantidor de sua própria autonomia dentro das estruturas de poder (Butler, 2017, p. 23).

O texto elaborado por Zazá oferece uma ilustração pertinente para elucidar um ponto central destacado pelos autores com os quais este trabalho dialoga. No campo dos discursos sobre sexualidade, a função repressiva do poder é enfraquecida à medida que a própria sexualidade se torna objeto de excitação e investimento erótico. Nesse processo, o aparelho

disciplinar, ao ser erotizado, não apenas regula, mas também incita a sexualidade, anulando parcialmente seus próprios objetivos repressivos.

A identidade sexual, nesse contexto, configura-se como uma contradição produtiva: formada, em parte, pela proibição da própria sexualidade que assume, e essa sexualidade, ao se articular à identidade, tende a subverter a ordem normativa que a constituiu. Em suma, para Foucault (2010) e Butler (2017), o sujeito é simultaneamente produzido e investido de sexualidade por meio de um regime de poder complexo, multifacetado e paradoxal — um regime que, ao mesmo tempo que disciplina, também possibilita formas de resistência e reinscrição do desejo.

Michael Pollak (1985, p.58), fazendo eco à célebre frase de Simone de Beauvoir (2016), postula que “não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo” (Pollak, 1985, p.58). Essa afirmação reflete sua intenção não apenas de delinear a natureza histórica e socialmente construída das identidades sexuais, mas também de salientar a existência de uma cultura homossexual na qual os indivíduos interessados em integrar-se precisam se familiarizar com suas práticas e processos compartilhados. A *vida homossexual* iniciaria, entre outros aspectos, pelo reconhecimento de desejos sexuais e pelo aprendizado dos lugares e modos de encontrar parceiros. Isso ocorre em virtude da clandestinidade imposta à homossexualidade, a qual demanda um ambiente cultural que possibilite a gestão da vida afetiva e social, visando a minimização dos riscos e a maximização da eficácia dos encontros.

A vivência de Zazá em São Paulo evidencia estratégias de resistência sutis, porém eficazes, adotadas para contornar o poder repressivo que se abatia sobre os corpos homossexuais. Whitaker (1939) e seus alunos indicam que o personagem número 6 compartilhava rotinas e comportamentos semelhantes aos de muitos outros homossexuais analisados, revelando o desenvolvimento de uma forma particular de habitar a cidade.

Os relatos apontam para uma rotina cuidadosamente estruturada: Zazá “*levanta-se tarde, passeia depois, visitando amigos, ou vai ao cinema; à noite pratica a pederastia*”, frequentemente no Parque Anhangabaú, onde aguardava ser abordado pelos ativos. Essa distribuição do tempo e a apropriação estratégica dos espaços urbanos revelam uma economia erótica do prazer, orientada pela necessidade de minimizar riscos e evitar exposições

indesejadas. Ao dormir durante a manhã e parte da tarde, evitava os horários de maior circulação nas ruas. Além dos locais reconhecidos para encontros sexuais, os espaços frequentados eram também ambientes privados ou zonas de menor visibilidade, onde sua presença causava menos alvoroço.

Conforme observado por Pollak (1985), a cultura homossexual propiciou o desenvolvimento de um sistema de comunicação caracterizado por sutilezas distintivas que possibilitavam o reconhecimento mútuo entre os indivíduos e a compreensão de suas intenções sexuais. Esses sinais de identificação e pertencimento eram manifestados através de diversos elementos, incluindo a aparência corporal, vestimentas e até mesmo nuances específicas de humor e expressões linguísticas. Tal dinâmica ressalta a importância de uma comunicação verbal e não verbal que fosse eficaz nos espaços destinados às interações sociosexuais, uma vez que nesses ambientes, como parques, saunas e sanitários públicos, o silêncio era tido como uma norma de conduta essencial para preservar o anonimato e garantir a segurança dos participantes

Um exemplo ilustrativo dessa dinâmica pode ser encontrado novamente no caso de Zazá, cujo comportamento e aparência contribuíam para a projeção de uma imagem que permitia a identificação de suas preferências sexuais. Zazá optava por trajes considerados *da moda*, embora com um estilo *um tanto exagerado*, caracterizado por paletós curtos, calças de cintura alta, ajustadas nos quadris e amplas na bainha. Além disso, adotava práticas estéticas associadas à feminilidade, como o uso de batom, rouge e pó de arroz, juntamente com a depilação das sobrancelhas (Whitaker *et al.*, 1939). Esses traços de comportamento e aparência funcionavam como marcadores identitários da pederastia passiva dentro da cultura homossexual. Isso possibilitava que Zazá não precisasse abordar diretamente outros homens, eram os ativos interessados que iam à sua procura no Parque Anhangabaú.

A clandestinidade ainda impulsionou o desenvolvimento de outros traços distintivos da cultura homossexual, tais como a linguagem. A pesquisa conduzida por Whitaker *et al.* (1939) também evidencia que os analisados usavam frequentemente expressões próprias. Esses termos são transcritos, em um formato semelhante a um minidicionário, possibilitando a compreensão histórica das marcas identitárias construídas por meio da linguagem adotada

pelos homossexuais. Esse universo de signos, repleto de significados e valores inerentes a essa comunidade, foi posteriormente denominado de Pajubá.

Micha: homem rico
Bofe: rapaz moço sem dinheiro
Bicha: pederasta passivo
Bicha sucesso: pederasta passivo que leva boa vida
Vou dar baile: expressão usada quando estão com raiva ou vão brigar
Tirar o scratch: ser identificado pela polícia
Fazer micha: copular
Frango: pederasta novo
Bangalô: mictório
Chatô: quarto
Gaita: dinheiro
Lugar para sucesso: salão de baile
Rédea: pênis
Fazer crochet: passar a mão no pênis de um indivíduo
Chafra: soldado
Bicha bacana: pederasta com certos recursos monetários (Whitaker *et al.*, 1939, p. 254)

O estudo das expressões empregadas por homossexuais também recebeu destaque na pesquisa pioneira conduzida por José Fábio Barbosa da Silva. Esta monografia, elaborada durante um curso de especialização na Universidade de São Paulo (USP), é considerada a primeira empreendida por um cientista social no Brasil a romper com o discurso médico-legal sobre a homossexualidade (Green; Trindade, 2005). A pesquisa de Silva, realizada a partir de 1958, insere-se em um movimento que ganhou ímpeto nos anos 1960 – o de narrar as histórias dos homossexuais brasileiros sob a perspectiva de seus próprios protagonistas, visando transcender o status de anomalia atribuído à homossexualidade (Ferreira, 2019).

A pesquisa de José Fábio, intitulada *Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário*, realizou incursões etnográficas entre 1958 e 1959 na área metropolitana da cidade de São Paulo, tanto na Praça da República e adjacências, quanto nas festas e reuniões promovidas nas residências da população analisada. A observação participante e as entrevistas realizadas com os indivíduos reconhecidos pela proeminência nesses circuitos de sociabilidade permitiram ao sociólogo traçar um panorama abrangente das dinâmicas sociais que permeavam a comunidade homossexual paulistana. Entre os resultados observados, o autor ressalta o desenvolvimento de um "sistema de comunicação simbólica" (Silva, 2006, p. 145),

que facilitaria a interação entre os membros da comunidade, ao mesmo tempo em que dificultaria a compreensão por parte de indivíduos externos à mesma cultura. O autor chama a atenção para a variação linguística conforme a origem dos sujeitos, seu estrato social e nível de educação formal, mas destaca que, de modo geral, a linguagem homossexual é caracterizada "quase sempre por leveza e comicidade, semiliterária ou esnobe" (Silva, 2006, p. 148). Nos anexos do trabalho, o autor inclui o que denomina de *vocabulário de gíria homossexual*, contendo sete páginas de expressões utilizadas por homossexuais e seus respectivos significados. Alguns desses termos são:

Assoprar a vela: Desenvolver intercurso anal com uma outra pessoa, no sentido passivo.

Babalú: (adjetivo) Homossexual ativo ou prostituto que se serve da venda de favores sexuais para homossexuais como parte da sua fundamentação econômica.

Bem servido: Aquele que tem um grande pênis, usualmente utilizado no sentido apreciativo, mas em alguns casos negativo, principalmente naqueles em que implicitamente se insinua adismo durante a relação sexual.

Bicha: Em gíria homossexual, um sinônimo para perobo. Pode ser usado muitas vezes com o mesmo sentido depreciativo, e nesse contexto implica alto grau de julgamento apreciativo negativo. Pode ser utilizado, no entanto, no sentido afetivo, dependendo da ênfase e das pessoas a que se refere no contexto da situação.

Boneca: Um homossexual passivo atraente, implica juventude, mas não necessariamente; (adjetivo) usado de maneira afetiva por um homossexual em relação a um amigo homossexual passivo.

Caçar: Procurar um parceiro sexual para relação sexual, aproveitar todas as oportunidades potenciais dos indivíduos que passam; também se refere aqueles que usam automóvel para tal ação; olhar com desejo um parceiro sexual potencial, ou a uma outra pessoa para uma possível relação sexual.

Cata-cavalo: Coito com comparsa passivo semi-suspenso, apoiado nas pernas e braços.

Desfilar: Demonstrar em público o interesse pela possível relação sexual; mostrar-se como homossexual passivo em público com interesse de caça; desfilar, no sentido tradicional, em travesti, numa festa homossexual.

Enrustido: Um homossexual, usualmente efeminado, que é acanhado, elusivo, e que não desenvolve relações íntimas com outros homossexuais.

Mala: O volume destacado da genitália sob calças, maiô ou bermuda, expressão utilizada para referir-se ao tamanho do pênis; o mesmo que pau, vara.

Mercado: Lugar de reunião de homossexuais, usualmente onde mais frequentemente se apresentam possibilidades de parceiros para relações sexuais.

Néctar: Ou "divino néctar", esperma, ejaculação

Quebrar louça: Manter relação semi-sexual (marginal) com outro indivíduo reconhecidamente homossexual; também utilizado para expressar atitudes

negativas em relação a um parceiro homossexual do qual o indivíduo não recebeu satisfação imaginada.

Salão de chá: Um banheiro público masculino

Telefonar: Felação.

Volta ao mundo: Contato com a língua durante a experiência sexual com um parceiro do mesmo ou oposto sexo; tal contato é feito sem reservas sobre o corpo (Silva, 2006, p. 185-191).

O Pajubá emerge como um dialeto intrínseco à comunidade homossexual, estabelecendo-se como um fenômeno linguístico de notável importância na construção da identidade e coesão social dentro desse grupo. Sua origem está intimamente ligada à clandestinidade e à violência enfrentada por seus falantes, que buscavam meios de comunicação que lhes conferissem pertencimento. Assim, o Pajubá assume a função de uma *língua secreta*, cujos sentidos restritos dificultam os demais que não se enquadram na comunidade de compreende-los, proporcionando aos seus utilizadores um espaço de expressão livre e autêntica, longe das ameaças externas (Barroso, 2017).

A influência linguística do Pajubá é multifacetada, resultando da combinação de diversos elementos linguísticos. Esse dialeto incorpora novos sentidos às palavras já em circulação. Na sua origem, continha palavras de diversos idiomas, como o francês, línguas indígenas e, especialmente, o iorubá (Nascimento; Mariano; Santos, 2021, p. 78). Essa miscigenação linguística confere ao Pajubá uma riqueza e complexidade únicas, tornando-o um veículo não apenas de comunicação, também de preservação cultural e de resistência. Ao adotar o Pajubá, os membros da comunidade hoje denominada LGBTQIA+ não apenas estabelecem sua identidade, mas também reivindicam seu espaço na sociedade, reafirmando suas diferenças e fortalecendo seus laços de solidariedade e pertencimento.

O uso particular da linguagem, caracterizado por nuances de uma ironia satírica, também se faz presente na utilização de nomes próprios no feminino, bem como de certos adjetivos e diminutivos. No estudo de Whitaker (1939), praticamente todos os personagens são socialmente identificados por pseudônimos como “Zazá”, “Tabú”, “Jurema”, “Preferida”, “Gilda de Abreu”, “Alfredinho” (Whitaker, 1939, p. 254). Conforme observado por Pollak (1985, p. 67), os nomes adotados por homossexuais frequentemente expressam um jogo de esconde-esconde social e a ironia que muitos cultivam em suas auto apresentações.

As contribuições teóricas relativas ao processo de interpelação proporcionam uma compreensão mais profunda das camadas de significado presentes nas nomeações no feminino, bem como através de adjetivos e diminutivos. Ao reconhecermos que o ato de nomear é o ponto de partida para a formação de subjetividade, a adoção desses *codinomes de guerra* por parte de membros da comunidade homossexual denota a emergência de uma dada subjetividade, representando um sujeito submetido às normas e valores culturais associados a uma cultura homossexual.

O olhar contemporâneo direcionado a esses sujeitos do passado, construídos socialmente com elementos femininos (nomes próprios, roupas, maquiagem etc.), pode conduzir nossa interpretação a categorizá-los como travestis ou transexuais. Sem dúvida, entre os corpos percebidos como homossexuais, haviam pessoas que se identificam com a transitividade de suas identidades de gênero. No entanto, precisamos ter o cuidado histórico ao analisar tais experiências. Como salienta Rubin (2003), a partir do século XIX, gradualmente se delineou uma distinção entre o desejo afetivo/sexual e a identidade transgênera. Entretanto, a concepção de homossexuais másculos ou de lésbicas femininas era ainda considerada *inconcebível* dentro dos parâmetros dos modelos hegemônicos de sexualidade e de gênero no Brasil na primeira metade do século XX. Nesse sentido, ser um homem homossexual significava, em grande medida, assumir símbolos e práticas associados ao universo feminino.

As observações que estamos desenvolvendo, com base nos documentos históricos disponíveis, permitem uma compreensão mais multidimensional das experiências homossexuais compartilhadas, refletindo uma perspectiva abrangente e não homogênea. É importante destacar que existiam outras formas possíveis de vivenciar a homossexualidade, mesmo que tais vivências não fossem apontadas como predominantes nos registros analisados. Além disso, os elementos que destacamos não eram universalmente adotados por todos os indivíduos.

Por exemplo, entre os personagens estudados por Whitaker (1939), o nº 2, identificado como R. M., não utilizava nome feminino nem frequentava os pontos preferidos pelos demais *pederastas*. Já Alfredinho, o caso nº 4, não se identificava exclusivamente como passivo, relatando sentir prazer tanto como ativo quanto em relações sexuais com mulheres.

Esses casos revelam que, mesmo em uma amostragem limitada, havia uma complexidade significativa nas vivências homossexuais.

Os aspectos aqui enfatizados correspondem a traços recorrentes ao longo do tempo, contribuindo para a formação de laços vinculativos e de valores predominantemente compartilhados por determinados segmentos da comunidade. No entanto, reconhecer as variações e singularidades é essencial para evitar generalizações e para compreender a riqueza das subjetividades dissidentes que atravessam os arquivos da repressão.

A complexidade e a diversidade das experiências, intrínsecas à condição humana, não impedem a identificação de certos elementos vinculativos dominantes, utilizados por homossexuais, que contribuíam para a formação de uma comunidade. Privilegiamos em nosso texto as práticas e as estratégias que são relatadas de forma recorrente. Tomamos como exemplo a narrativa testemunhal de Zazá com o intuito de conceder protagonismo aos próprios sujeitos na construção dessa história, porém, os demais textos sanitaristas que circulavam sobre a homossexualidade também refletem os pontos que apresentamos (Pereira, 2014). Ao comparar as pesquisas realizadas ao longo de algumas décadas, podemos observar que muitas estratégias de resistência perduraram e foram atualizadas ao longo do tempo.

A existência de uma comunicação, tanto verbal quanto não-verbal, praticada por homossexuais em áreas de encontro casual (zona de pegação), é relatada desde o primeiro livro sobre a temática publicado no Brasil, em 1948, por Francisco José Viveiros de Castro. Em sua obra dedicada aos atentados ao pudor praticados na cidade do Rio de Janeiro, o jurista relata que:

O largo do Rocio foi antigamente célebre por ser o lugar onde à noite reuniam-se os pederastas passivos à espera de quem os desejasse. Tinham eles uma *toilette* especial por onde podiam ser facilmente reconhecidos. Usavam paletó muito curto, lenço de sêda pendente do bolso, calças muito justas, desenhando bem as formas das coxas e das nádegas. Dirigiam-se aos transeuntes pedindo fogo para acender o cigarro, em voz adocicada, com meneios provocantes e lascivos. Durante o carnaval, vestidos de mulher, invadiam os bailes de máscara do teatro S. Pedro. Um destes *frescos*, como eram eles conhecidos na gíria popular, tornou-se célebre pelo nome Panela de Bronze. Vestia-se admiravelmente de mulher, a ponto de enganar os mais perspicazes. Dizem que chegou a adquirir alguma fortuna por meio de sua torpe indústria e que era tão grande o número de seus frequentadores, pessoas de posição social, que era necessário pedir com antecedência a entrevista (Castro, 1948, p. 221-222).

No trecho destacado acima, podemos observar que elementos como o uso de pseudônimos, a adoção de vestimentas específicas, certos rituais de socialização e o emprego particularizado da linguagem já integravam um sistema de comunicação compartilhado por homossexuais desde o final do século XIX. Outro aspecto que precisa ser destacado diz respeito aos locais de paquera, essas zonas de moralidade solta (contraespaços, como parques, praças e banheiros públicos), já então constituídos como uma instituição-chave da vida homossexual.

Os discursos circulantes sobre a homossexualidade masculina, auxiliam a delimitar, catalogar e definir os corpos homossexuais e o lugar que eles ocupavam na sociedade. Os espaços sociais que lhe eram delegados operacionalizam opressões, mas também forneciam uma potência gregária de subversão. A consolidação de regiões frequentadas por homossexuais em áreas urbanas desempenhou um papel essencial para possibilitar a vivência das suas experiências. Tais espaços, muitas vezes, localizados nos bairros centrais ou em locais de passagem, como parques e banheiros públicos, representam realidades sociais e culturais alternativas, onde as normas dominantes são subvertidas e novas formas de identidade e interação são cultivadas. É possível argumentar que essa modalidade de contraespacialidade opera como uma ruptura no continuum espaço-temporal. Os territórios compartilhados pelos homossexuais se configuram como áreas disruptivas caracterizadas pela intensa ritualização da quebra das convenções sociais e pela celebração do prazer.

Esses espaços podem ser compreendidos, à luz da perspectiva de Foucault (2003; 2013), como heterotopias. O autor desenvolve esse conceito em diálogo com a noção de utopia, fundamentando-se na ideia de espaços reais que existem dentro da sociedade, mas que desafiam, representam ou invertem suas estruturas normativas. Enquanto as utopias correspondem a localizações imaginárias, sem existência concreta, mantendo apenas uma relação simbólica com a realidade social, as heterotopias são espaços efetivos — embora distintos de todos os outros posicionamentos conhecidos.

O autor destaca ainda que as heterotopias são locais concretos que, por sua singularidade e por se contraporem às normas sociais predominantes, desafiam a ordem

estabelecida. Identifica, entre os princípios das heterotopias modernas, sua função como espaços de desvio: ambientes nos quais indivíduos cujos comportamentos divergem da norma podem instaurar outras formas de habitar o tempo e o espaço. Esses espaços não apenas expressam uma diversidade de práticas culturais, mas também desempenham um papel crítico ao questionar e reconfigurar as estruturas sociais dominantes, revelando fissuras e possibilidades dentro do tecido normativo da sociedade.

O testemunho de Zazá, longe de se limitar à representação de uma trajetória marcada pela marginalização, revela as múltiplas formas pelas quais sujeitos homossexuais engendraram práticas de resistência e prazer no interior de regimes normativos repressivos. Ao narrar suas experiências com franqueza e intensidade, Zazá não apenas performa uma identidade dissidente, mas também contribui para a constituição de uma memória coletiva da homossexualidade urbana no Brasil. Sua vida, seus afetos, sua linguagem e seus desejos evidenciam que, mesmo sob forte interdição, sujeitos subalternizados são capazes de produzir espaços de autonomia e agência — ainda que paradoxais, frágeis e ambivalentes. Esses gestos cotidianos de afirmação revelam fissuras na ordem normativa, permitindo vislumbrar formas alternativas de existência e de inscrição do desejo na cidade.

Considerações finais

A escassez de documentos produzidos e preservados sobre a existência homossexual no passado impõe à historiografia o desafio de desenvolver metodologias capazes de acessar experiências sistematicamente silenciadas ou marginalizadas. Escrever essa história exige, portanto, um deslocamento de perspectiva: é preciso reconhecer a legitimidade dos fragmentos, dos silêncios e dos vestígios como formas possíveis — e igualmente válidas — de narrar aquilo que a história oficial buscou apagar. A ausência de documentação não equivale, necessariamente, à inexistência dos sujeitos; ao contrário, revela a atuação de um regime de visibilidade seletivo, que determina o que pode ou não ser lembrado.

Seguir os rastros da homossexualidade implica, portanto, operar com uma concepção ampliada de documento. Trata-se de reconhecer que muitos dos vestígios que hoje permitem entrever experiências dissidentes não foram produzidos com o propósito de registrar ou

transmitir memória. Ao contrário dos documentos tradicionais, esses rastros carregam a marca do acaso, da negligência e, não raro, da violência. Não foram deixados como testemunhos deliberados, mas persistem como ruínas involuntárias de presenças ausentes.

Narrar a história a partir desses indícios é um exercício de reconstrução que exige ler nas entrelinhas dos discursos hegemônicos, nos arquivos do esquecimento e nos espaços marginais da cultura. Não se trata de buscar uma totalidade ou uma linearidade, mas de convocar as centelhas de memória que sobreviveram ao apagamento, para que possam, no presente, reivindicar sua inscrição no tempo histórico. Nesse processo, a escrita da história não apenas documenta: ela também repara, abrindo espaço para vozes que, embora emudecidas, ainda ecoam.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura Popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora Hucitec, 2013.

BARBOSA, Marialva. Meios de Comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA (Org.) *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROSO, Renato Régis. *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da subjetivação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CASTRO, Francisco José Viveiro de. *Atentados ao Pudor: estudos sobre as aberrações do instituto sexual*. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1943.

EVANS, Jennifer. Introduction: Why Queer German History? In: *German History*, v. 34, Issue 3, Sep. 2016, p. 371–384.

FERREIRA, Vinicius. Por uma história cultural da imprensa homossexual. In: REGO, Ana Regina; HOHLFEDT, Antonio; SOUSA, Jorge Pedro; MACHADO, Maria Berenice; GUILLAMET, Jaume; RODRÍGUEZ, Alberto Pena. (Org.). *Os desafios da pesquisa em história da comunicação: entre a historicidade e as lacunas da historiografia*. 1ed. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2019. p. 405-440.

FIGARI, Carlos. @s "@outr@s" cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico - As heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RAIBONOW, Paul (Org.). *Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.
- GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.
- GREEN, James. *Homossexualidades e a História: recuperando e entendendo o passado*. In: *Gênero*, Niterói, v. 12, n. 2, p. 65-76, 1. sem. 2012.
- GREEN, James; TRINDADE, Ronald. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- HELLER, Agnes. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- LE GOFF, Jacques. *A história Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995b.
- NASCIMENTO, Vanessa Mirele dos Santos; MARIANO, Nazarete Andrade; SANTOS, Cosme Batista dos. *Dialeto Pajubá: marca identitária da comunidade LGBTQIA+*. GRAU ZERO, v. 9, p. 67, 2021.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 1930*. In: *Intensidades Eróticas: a questão gay em debate*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017a.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2017b.
- POLLAK, Michael. *A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?* In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO JÚNIOR, Benedito Inácio. Estudos queer na historiografia brasileira (2008-2016). In: SOUSA NETO, Miguel Rodrigues; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (Org.) *História e Teoria Queer*. Salvador: Editora Devires, 2018.

RUBIN, Gayle. *Tráfico Sexual – entrevista Gayle Rubin com Judith Butler*. Cadernos Pagu, n. 21, 2003, p. 157-209.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. (Org.) *A história Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 47-173.

SOLIVA, Thiago Barcelos; REIS, Ramon Pereira dos; SILVA FILHO, Milton Ribeiro; BUCCINELLI, Bruno. Sobre gerações e trajetórias: uma breve genealogia das pesquisas em Ciências Sociais sobre (homo)sexualidades no Brasil. In: *Pensata Revista dos Alunos*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unifesp, v. 4, p. 9-47, 2014.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WHITAKER, Edmur de Aguiar; KRAUS, Eddi; OLIVEIRA, Magino Roberto de; NOGUEIRA, Joel Boto; SINISGALLI, Aldo. *Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo*. Aspectos da sua atividade social (costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”). Separata dos: Arquivos de Polícia Civil e de Identificação de São Paulo. V. II, n. 1, 1938-1939

Vinícius Ferreira – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Doutor em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Comunicação e Cultura, UFRJ. Graduado em Jornalismo, Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisador associado do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC) e do grupo Mídia, Memória e Temporalidade (Memento).

E-mail: viniciusf.c@hotmail.com